



# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

Wltenize Izolina Ferreira de Melo – Mestre em Linguística e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Fernanda Rosário de Mello - Profa Adjunta do Curso de Letras e Profa permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Contatos: [wltenize\\_mello@hotmail.com](mailto:wltenize_mello@hotmail.com); [fmelloufpb@gmail.com](mailto:fmelloufpb@gmail.com)

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ OBJETIVOS

- Nossa pesquisa propôs analisar como o ensino da oralidade, segundo as diretrizes da BNCC (BRASIL, 2017), concretiza o desenvolvimento das competências gerais esperadas para o ensino de Língua Portuguesa.
- Identificar as orientações pedagógicas, as competências, as habilidades e os objetos de conhecimentos referentes ao ensino de oralidade;
- Verificar como a oralidade se apresenta nos diversos campos de atuação previstos pela BNCC (BRASIL, 2017) para o ensino de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Fundamental;
- Observar como as orientações da BNCC sobre o ensino de oralidade são didatizadas em planos de aula, dada sua relevância enquanto ferramenta educativa.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ JUSTIFICATIVA

- O cenário que se configura para o ensino da prática linguística da oralidade não é favorável na educação básica brasileira. O 'o que' e o 'como' ensinar gera dúvidas e inquietações nos docentes.
- Uma possível consequência é um olhar bastante tangencial para a oralidade.
- Muitas vezes ciente dessa lacuna, o professor busca orientações teórico-metodológicas em fontes diversas, como, por exemplo, documentos curriculares e/ou norteadores, materiais didáticos, textos teóricos ou planos de aula, para que sirvam de aparato a sua prática docente.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ INTRODUÇÃO

- Apesar dos avanços teóricos e pedagógicos vistos nas últimas décadas, sobretudo após publicações de documentos oficiais, o ensino da oralidade ainda se faz omissivo e/ou carente na Educação Básica.
- Esse ensino traz consigo controvérsias entre o que se espera e o que realmente acontece na sala de aula, principalmente no “o que” e no “como” ensinar essa prática de linguagem, de modo que as atividades que a contemplem sejam sistemáticas, contínuas e progressivas, como defendem Schneuwly e Dolz (2004), Antunes (2009), Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018).

- O aparato teórico se fundamenta principalmente nos pressupostos de:

- Antunes (2009), no que concerne aos conceitos de língua e identidade;
- Bakhtin e Volóshinov (1995) e (2003), no que tange à concepção dialógica e sociointeracionista de língua como base para interação verbal;
- Melo e Cavalcante (2007), a respeito dos parâmetros de análise de gêneros orais;
- Magalhães (2008), sobre a Pedagogia do oral;
- Schneuwly e Dolz (2004), acerca das dimensões ensináveis do oral;
- Carvalho e Ferrarezi (2018), referente aos princípios éticos fundamentais no ensino da oralidade;
- Bunzen (2020), no tocante ao tratamento da oralidade na BNCC dos Anos Finais do Ensino Fundamental;
- Base Nacional Comum Curricular (2017), no que versa sobre as orientações para o ensino da oralidade no componente curricular Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ METODOLOGIA

- O *corpus* para análise é constituído pelo recorte desse documento oficial relativo ao eixo oralidade para os Anos Finais do Ensino Fundamental no componente curricular de Língua Portuguesa.
- Pesquisa qualitativa, com uma metodologia descritivo-interpretativista, exploratória e documental.
- A análise aconteceu por **etapas** que se inter-relacionam:
  1. qual concepção de oralidade; como está disposta no documento (estrutura e organização);
  2. quais objetos de conhecimento, competências e habilidades a contemplam;
  3. qual sua relação com os demais eixos (produção de texto, leitura/escuta e análise linguística/semiótica);
  4. como (e quais) os campos de atuação sugerem seu ensino.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ RESULTADOS E DISCUSSÃO

- Os resultados evidenciaram que:

(i) a oralidade é vista tanto como eixo quanto como prática de linguagem;

(ii) há lacunas na distribuição e progressão do eixo entre os campos de atuação quanto às habilidades, sobretudo as específicas;

(iii) a oralidade perpassa timidamente os demais eixos, atendendo apenas dois campos de atuação.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Sobre a oralidade, nossa pesquisa identificou:

→ pouca ênfase nas aulas;

→ “dependência” em relação à escrita;

→ insegurança de alguns professores em como e o que ensinar ao trabalhar;

→ falta de sistematização e progressividade das atividades orais;

→ equívoco de que a fala viola as regras gramaticais, como o lugar do erro;

→ predominância de atividades que associam oralidade à espontaneidade da fala, como sinônima de informalidade;

→ omissão e/ou carência da oralidade como objeto de ensino em si dentro do trabalho escolar.

- Trabalhar com a oralidade não é apenas abrir espaço para que o aluno fale por falar (isso ele já faz espontânea e cotidianamente), mas refletir sobre os usos da oralidade como prática social, situada, planejada, organizada, complexa, variável, tal como a escrita.

- Para tanto, é preciso reconhecer que ela também se materializa em gêneros textuais e que, a partir deles, se torna possível desenvolver atividades graduais e progressivas quanto a atividades de escuta (atenta e compreensiva), de planejamento, de produção, de avaliação, de revisão, de refacção e de divulgação.

# ORALIDADE E BNCC: ENTRE DIÁLOGOS E TENSÕES

## ➤ REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

BUNZEN, Clecio Júnior. Algumas notas sobre o tratamento da oralidade na Base Nacional Comum Curricular dos Anos Finais do Ensino Fundamental. In (Org.): SOUZA, Sweder;

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar. – São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes da.

Retextualização na Base Nacional Comum Curricular: das proposições às estratégias didáticas para tratar da relação fala-escrita. In (Orgs.): RODRIGUES, Siane Gois

Cavalcanti; LEAL, Telma Ferraz. A BNCC em foco: discussões sobre ensino de língua portuguesa. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p.155-179.